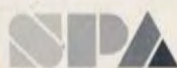


ANTÓNIO TORRADO



TEATRO DO *lêncio*

ÍCIOS DRAMÁTICOS EM 1 ACTO



SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

821.134.3
TOR, A

ANTÓNIO TORRADO

TEATRO DO SILÊNCIO

5 exercícios dramáticos em
1 acto



94-03-03

Repertório da Sociedade Portuguesa de Autores
2ª Série

© António Torrado e S.P.A.

Tiragem: 1500 exemplares

Depósito Legal, N.º 7179

Capa e arranjo gráfico: César Veloso

Fotografia da contra-capas: Manuel Ricardo

Edição: S.P.A. — Avenida Duque de Loulé, 31 — Lisboa

Primeira Edição — Abril 1988

Composição e Impressão: IMPRESSE 4

Distribuição: CDL — Central Distribuidora Livreira

OS PUNHAIS

Exercício de *jonglerie* dramática com punhais

CENA

A pormenorização cenográfica, tal como vai descrita, justifica-se, neste caso, pelo papel que desempenha na acção. Ela é a principal personagem.

Toda a acção decorre no quarto do rei — o Usurpador. Grande cama de docel. Panejamentos e pesados reposteiros em desconforme abundância. Os tecidos espessos dos reposteiros despenham-se sobre o palco, excedem-se sobre o chão, em pregueamentos sinuosos e amarrotados, que quase sufocam a cama. Aliás, a cama está como que no fundo côncavo de uma concha ou de uma corola. Visivelmente ameaçado pelo múltiplos veios de tecido, que para ele convergem, o espaço centrado na cama abriga toda a acção.

Nesta cena única não vai decorrer um filme ou filmagem de um filme mudo, mas algo que se aparenta com o cinema mudo, sendo, no entanto, teatro ensurdecido.

Não há câmaras visíveis. Apenas uma luz crua, que se acende repentinamente. Uma voz off acompanha o desenrolar da acção.

Os actores movimentam-se sem ruído sobre chão alcatifado. Tons predominantes do cenário e dos figurinos: cinzentos, sépias, verde musgo e verde sujo.

CARACTERIZAÇÃO DA VOZ OFF

A voz off, que acompanha do início ao fim toda a acção, anunciando-a, ditando-a, comporta-se como se a sua intervenção fosse sempre indispensável. Parece continuamente querer convencer-nos de que, sem o zelo constante da sua voz de comando, a acção se desconjuntaria e ruiria por si. Executantes das suas ordens, as personagens obedecem, com a conformação de subalternos rotinizados na obediência. Diga-se, porém, que o auto-convencimento da voz off, anunciando-se sempre como indispensável, os irrita secretamente.

Não fica claro que a voz off seja a de um realizador em régie, a de um encenador ou a de um adventício e oculto mecânico da intriga. Em certos casos, assemelha-se à de um locutor, que relatasse para cegos um exercício teatral. Se a voz exerce, de facto, um persistente poder de controlo sobre a acção, em algumas ocasiões chega a ser ultrapassada pela velocidade da própria acção. Nesses casos, porém, a voz off não se desconcerta e, com razoável êxito, procura não se desacreditar, nomeadamente perante si própria.

A voz off inicia a fala, quando o actor, não revestido ainda da personagem do Usurpador, se aproxima da cama.

Cada entrada da voz off é antecedida do característico ruído de desbloqueamento do canal sonoro, típico dos intercomunicadores manuais. O mesmo se passa no fecho do som.

O sincopado frásico corresponde ao perfil de autoridade, que a voz off pretende preservar. Quando, como se referiu atrás, a voz off perde, de espaço a espaço, o domínio dos acontecimentos, sofre abalo a voz de comando, que por intermitências se descontrola.

À medida que a acção se intensifica, a voz off também gradualmente se esbate, mas, sempre que de novo intervém, procura recuperar os seus padrões de dignidade, persistindo a todo o custo no tom autoritário.

As sincronias e dessincronias da voz off com a acção são um elemento dramático consideravelmente relevante. Nesse sentido, as características tímbricas e interpretativas da voz off devem ser acauteladas.

PERSONAGENS

REI-USURPADOR, VOZ OFF e IN,

PRIMEIRO REGICIDA,

CAMAREIRO,

SEGUNDO REGICIDA,

MINISTRO,

GUARDA 1,

GUARDA 2,

CONCUBINA e

ARMEIRO

ACÇÃO

Cena aberta. Ilumina-se repentinamente. Um silvo estridente chama a primeira personagem para a cena. Resignadamente, entre o actor que vai desempenhar o papel do Rei Usurpador. Semicerra e protege os olhos da luz intensa, tropeça nas pregas do panejamento e dirige-se para a cama.

VOZ OFF: Vamos. Aviar. Aviar (*Personagem enfia-se na cama. Deita-se.*) Dá volta aos lençóis. Cama em desalinho. Isso. Estás a dormir. A dormir fundo. Mais abandonado ainda. Peito descoberto. Estás a dormir e tens o sono agitado. Outra volta na cama. Não te enroles nos lençóis. És o rei, és o usurpador do trono e estás com pesadelos. Tens o estômago pesado, a consciência pesada, o sono pesado. Agora, uma careta, um esgar. Chegal! Não é da azia. É do sonho. Outra volta. Pronto. Rápido, o regicida.

(Detrás de um reposteiro, surge o regicida.)

VOZ OFF: Cautelosamente... Cuidado! Aproxima-te sem precipitações. Não há perigo. O homem está a dormir fundo. Vai serenando no sono. Rosto tranquilo. O regicida vai apunhalar-te e tu estás a dormir sossegado. Chega-te. Tira o punhal. Mais um passo. Fica-te aí. Atenção, que isto tem de ser simultâneo. Um a apunhalar e o outro a virar-se na cama. Só quando eu disser. Levanta o punhal. Agora! Não! (*longo não*)

(Desacerto entre o regicida e o rei. Quando o regicida desferiu o golpe, o rei não se virou a tempo e o punhal acertou-lhe. Quebra-se a iluminação. O rei, sentado na cama,

(Suspensão do gesto do Regicida, corte de luz total e, simultaneamente, longo silvo. Pausa de silêncio.)

VOZ OFF in (a do Rei) *(pausadamente)*: Atenção. Atenção. Estamos sempre a tempo de retomar o exercício de sobrevivência. *(Volta a luz do palco.) (Rei no centro da cena. Panóplia dos punhais de novo em cena, com cinco punhais expostos.)*

REI *(falando para o público pelo amplificador da Voz Off. Pode mesmo empunhar o microfone, como os cançonetistas em palco)*: Porque — atenção! — isto é mais um exercício de sobrevivência do que um exercício dramático. Isto é mais um exercício quimérico, uma inflamação de sonhos e delírios, do que um exercício de sobrevivência. Isto é mais um exercício de resistência e de vigília do que um exercício de quimeras. Nós não temos apenas de descrever o que sonhamos. Nós temos também de sonhar o que descrevemos. Este é o tema: um rei usurpador e vários punhais regicidas. Vamos continuar. Recomeçar. A conjura não está extinta. Vai recomeçar, amanhã, neste mesmo palco, às 21 horas e 30 minutos, com um rei usurpador, vários punhais regicidas, um camareiro, um ministro e mais, muito mais gente que há-de querer apunhalar o rei, cercado por temores e pesadelos, nesta vulnerável-invulnerável câmara real. *(O Rei começa a oferecer punhais pela assistência.)* Os conjurados terão um êxito relativo e o usurpador também prosseguirá no seu exercício quimérico de sobrevivência, igualmente relativo. O espectáculo, senhoras e senhores, estimado público, vai continuar. Ocupem os vossos lugares, amanhã, pelas 21 horas e 30 minutos e acompanhem com bonomia, condescendência e sentido da relatividade o que nele vai passar-se. E não desesperem... *(Corte do som).*

FIM